

IMPACTOS DA COVID-19 NAS RELAÇÕES DE TRABALHO PARA IMIGRANTES BRASILEIRAS EM PORTUGAL

IMPACTS OF COVID-19 ON LABOR RELATIONS FOR BRAZILIAN IMMIGRANTS IN PORTUGAL

Andrea Oltramari ¹[0000-0002-5897-2772]
Aline Mendonça Fraga ²[0000-0002-4240-464X]
Laura Scherer ³[0000-0003-1803-3014]
Vanessa Amaral Prestes ⁴[0000-0002-5192-310X]

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

² Universidade Federal do Paraná (UFPR)

³ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

⁴ Universidade La Salle (UNILASALLE)

andrea.oltramari@ufrgs.br, alinemf.adm@gmail.com,
laurascherer@unipampa.edu.br, vanessa.amaral.prestes@gmail.com

Resumo. Esta pesquisa levantou os impactos da pandemia de COVID-19 na vivência da imigração e nas Relações de Trabalho (RT) para imigrantes brasileiras em Portugal. A pesquisa contou com entrevistas biográficas com 27 mulheres que residem no país há três anos. A apresentação dos resultados se dá em dois temas: a) vivências das brasileiras imigrantes prévias à migração, condições da imigração, e relação com o trabalho; e b) análise das mudanças no contexto do trabalho e os desafios pessoais e familiares após instauração da crise sanitária mundial. Os resultados indicam como principais impactos da COVID-19 no âmbito das RT em contexto de imigração: demissão e busca de novas atividades remuneradas; necessidade de distintas fontes de renda; intensificação de horas de trabalho, sobretudo nos casos de home-office; teletrabalho vinculado a empresas de forma autônoma, plataformas digitais ou rede de contato; e continuidade em Portugal dependente do apoio financeiro e emocional de familiares.

Palavras-chave: mulheres, relações de trabalho, imigração, pandemia, COVID-19.

1 Introdução

A busca por postos de trabalho no exterior pode ter impactos ainda mais expressivos do que os vivenciados no país de origem, sendo influenciada diretamente por marcadores sociais de diferença como gênero, sexualidade, idade, raça, etnia e *status* legal (Castles, 2010; Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020; Oltramari, Scherer, Fraga, 2020; Rodrigues, Guest & Budjanovcanin, 2016; Yu, 2019). Mulheres imigrantes, ainda que altamente qualificadas em âmbito educacional e em suas competências profissionais, costumam encontrar barreiras para ingresso em ocupações equivalentes a sua formação nos países de destino (Riaño, 2016). Essa desvantagem pode ser explicada pela combinação de duas características: origem geográfica e gênero (Ballarino & Panichella, 2017; Donato, Pya & Jacobs, 2014)

Para além das limitações com o idioma e estereótipo cultural, conforme a região e contexto de origem, mulheres são mais vulneráveis a assédios e diferentes formas de violência nos espaços organizacionais e sociais. Nesse sentido, é relevante analisar as vivências de mulheres imigrantes, pois as possibilidades de inserção e permanência no mercado de trabalho se apresentam dependentes de contextos sócio-históricos. Mulheres encontram obstáculos para a mobilidade em razão das restrições impostas por políticas migratórias ou legislações nacionais que inibem ou proíbem que mulheres trabalhem em determinadas profissões (Fraga, Antunes & Rocha-de-Oliveira, 2020; Wasserman & Frenkel, 2015). As limitações sociais e geográficas são elementos que devem ser considerados quando se analisa a feminização das migrações, inevitavelmente trazendo outros marcadores sociais de diferença interseccionados (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020; 2018; Scherer & Prestes, 2019; Oltramari, Bitencourt, Fraga e Tonelli, 2020).

No caso do fluxo migratório do Brasil para o exterior, constatou-se que mulheres deslocam-se, sobretudo, para trabalhar em atividades reprodutivas, como empregadas domésticas, faxineiras, babás, cuidadoras de pessoas idosas e doentes, e na indústria do sexo (Carpenedo & Nardi, 2013), bem como naquelas com salários baixos, no comércio e nos serviços, como garçonetes, dançarinas, modelos, atendentes de supermercado e de loja de roupas. Mesmo países que compartilham o idioma, como ocorre com Brasil e Portugal, as diferenças culturais são significativas, e o imaginário colonial prevalece no olhar à estrangeira: seu corpo, suas roupas e suas expressões são tomadas de modo hipersexualizado (Gomes, 2018). Adicionalmente, percebe-se que as últimas ondas migratórias em Portugal são majoritariamente formadas por mulheres (Fernandes, Peixoto, Oltramari, 2021; Peixoto, 2018). Houve ondas migratórias estudantis (Lorio, 2018), femininas (França, 2012; França; Padilla, 2018) e de diferentes classes (Oltramari, Scherer e Fraga, 2020). Imigrantes do Brasil são o principal grupo estrangeiro em Portugal, situando-se espacialmente em diferentes lugares, mas com maiores comunidades na capital, Lisboa, seguido da cidade do Porto, Setúbal, Braga e Faro (Fernandes, Peixoto, Oltramari, 2021).

Somado a esse contexto pré-existente, a crise generalizada – social, econômica, política e sanitária – consequente do surto de COVID-19 produziu implicações adicionais para a vida e o trabalho de mulheres imigrantes. Para enfrentar a crise, medidas como fechamento de estabelecimentos comerciais, demissões, redução salarial, teletrabalho, e flexibilização de contratos, implicam em mudanças aceleradas das RT e indicam maior precarização das condições de trabalho, sobretudo nos setores reconhecidamente feminizados. É o caso do trabalho doméstico e de outros que comumente empregam imigrantes, como comércio, turismo, estética e saúde.

Nesse sentido, esta pesquisa tem o objetivo de levantar os impactos da pandemia de COVID-19 na vivência da imigração e nas relações de trabalho para imigrantes brasileiras em Portugal. A seguir, encontra-se a revisão de literatura que privilegia a discussão acerca da situação das mulheres migrantes e a pandemia do coronavírus (COVID-19). Na sequência, são apresentados aspectos metodológicos e, após, os resultados e análises das entrevistas biográficas. Por fim, foram elaboradas considerações finais e sugestões de encaminhamentos para futuras pesquisas.

2 Revisão de literatura

2.1 Migrações, mulheres e a pandemia do coronavírus (COVID-19)

No âmbito das mobilidades, as migrações internacionais encontram-se, de todo modo, atreladas às consequências do COVID-19. Diversas pessoas que pensavam em mudar de país, seja para deixar o de origem ou para retornar, já não podem fazê-lo

(Dumont, 2020). Comparados com outras categorias de migrantes internacionais, como estudantes internacionais, trabalhadores e trabalhadoras migrantes encontram mais barreiras no acesso aos serviços de saúde nos países anfitriões (por exemplo, seguro de saúde inadequado), principalmente trabalhadores e trabalhadoras domésticos/as (Hargreaves et al, 2019).

Essa situação se agravou durante a pandemia do COVID-19 devido à perda de renda e características específicas dessa atividade laboral, por exemplo. Muitos/as trabalhadores e trabalhadoras domésticos/as encontram-se em quarentena com as famílias para as quais trabalham e nem sempre conseguem seguir as medidas de isolamento e segurança recomendadas (Liem, Wang, Wariyanti, Latkin & Hall, 2020).

A crise econômica causada pelo atual surto de COVID-19 tem implicações particulares para as mulheres, que se fazem presentes durante a crise e serão relevantes na recuperação subsequente. Comparada às recessões “regulares”, que comumente afetam mais o emprego dos homens do que o das mulheres, as medidas de distanciamento social tem um grande impacto nos setores com alta participação feminina. Além disso, o fechamento de escolas e creches aumentou significativamente as necessidades de cuidados infantis, o que tem um impacto particularmente grande para as mães que trabalham (Alon, Doepke, Olmstead-Rumsey & Tertilt, 2020).

Há que considerar que a migração internacional está desacelerada para Portugal, considerando o contexto pandêmico. O estudo de Fernandes, Peixoto e Oltramari (2021) objetivou descrever algumas notas da migração brasileira recente em Portugal. Para tanto, os autores e autora buscaram mobilizar e interpretar diversas fontes estatísticas que permitissem analisar o fluxo mais recente de brasileiros para Portugal. Observaram que o crescimento da imigração brasileira em Portugal nos últimos anos foi expressivo: as concessões de títulos legais aumentaram de 5.716, em 2015, para 28.210, em 2018. O número de mulheres foi sempre superior ao de homens – tendência já habitual na imigração brasileira em Portugal. Em 2018, as mulheres totalizavam 52,4% dos fluxos, ou 14.777 mulheres. Adicionalmente, de todos os títulos de residência concedidos, em 2018 por exemplo, estas situações corresponderam a 22% e 20%, respectivamente, e as mulheres são maioria – representavam 61% e 65% daqueles títulos em 2018. Afora o período temporal de 2015 a 2018, dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2020) referem que, entre 2009 e 2019, o percentual de mulheres estrangeiras residentes em Portugal cresceu 34%. Dentre as nacionalidades, as mais recorrentes, além do Brasil, são Cabo Verde, Ucrânia, Reino Unido e Romênia.

Especificamente sobre a migração brasileira, a quarta onda migratória (Oltramari, Prestes & Fraga, 2020), mesmo que finalizada, apresenta diferentes grupos de trabalhadores no que tange a inserção profissional: 1) qualificados que atuam em sua área de formação (jovens com cidadania europeias); 2) qualificados ou com baixa qualificação e *under-employed* (desqualificados no destino); 3) estudantes altamente qualificados e *under-employed* e 4) altamente qualificados que atuam em sua área de formação (privilégio de classe, acima de 45 anos). As contribuições preliminares desse estudo aprofundam as análises sobre a quarta onda migratória brasileira em Portugal e apontam para a relevância de abordagens interseccionais para o campo das migrações, mais especificamente, gênero, classe e raça. Adicionalmente, para além das abordagens interseccionais (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020), é importante problematizar a inserção laboral sob o ponto de vista jurisdicional das profissões (Abbott, 1988).

Na esteira de debates sobre o imaginário colonial e o estigma como recurso (Malheiros e Padilla, 2014), além dos discursos institucionais sobre as mulheres brasileiras e africanas (França, 2012; Gomes, 2018; Pontes, 2004) acredita-se, nesse estudo, tal como Gomes (2018), que os papéis sociais construídos para homens e mulheres impactam, indubitavelmente, a vida de imigrantes. Para França (2012) há duas

formas de inserção laboral no mercado de trabalho português, considerando as mulheres brasileiras: a) uma parte das mulheres se inserem abaixo das suas qualificações laborais e após algum tempo conseguem melhorar nessa inserção, contudo, nunca alcançam os mesmos níveis que tinham no Brasil; e b) há também mulheres, mesmo que em número menor, que conseguem inserção laboral qualificada, como empresárias, médicas, dentistas, professoras, pesquisadoras, dentre outras profissões. Afora a preocupação por essa dificuldade de inserção, a autora aponta que a mídia portuguesa também vem reproduzindo os estereótipos das brasileiras, seguindo a manutenção do imaginário estereotipado da mulher brasileira (França, 2012; Gomes, 2018).

Há, contudo, muitas associações surgindo, justamente para fazer frente ao combate desses estereótipos, que dizem de associações a mulheres brasileiras: à alegria, à hipersexualização, ao gingado. Gomes (2018) já apontava que duas associações relevantes em Lisboa vêm fazendo frente na defesa dos direitos de migrantes: a Casa do Brasil de Lisboa e a Associação Lusofonia Cultura e Cidadania. Fortalecem-se, também, as redes de acolhimento e afeto (Dias, 2007; Lencioni, 2010).

3 Aspectos metodológicos

Este estudo caracteriza-se pela abordagem qualitativa, entrevistas biográficas e análise de narrativas. A pesquisa narrativa, segundo Creswell (2014), consiste em coletar histórias de pessoas e contar suas experiências atribuindo significado às mesmas. Para a coleta de relatos, esta pesquisa contou com entrevistas biográficas com 27 mulheres brasileiras residentes em Portugal, a partir de 2018, isto é, há cerca três anos ou menos, contempladas na chamada quarta onda migratória (Fernandes, Peixoto, Oltramari, 2021; Oltramari, Scherer, Fraga, 2020).

Os relatos biográficos foram coletados entre julho e novembro de 2020, presencialmente, considerando as medidas restritivas sanitárias durante a pandemia. Algumas observações participantes de uma das autoras também contribuíram para a coleta de informações, em especial as reuniões na Casa do Brasil de Lisboa, na Associação Diáspora sem Fronteiras, na Plataforma Geni, e em sessões informativas da Rede sem Fronteiras. Tais encontros foram tanto *on-line* como presenciais, ao longo do ano de 2020 e parte do ano de 2021.

Foram elencados alguns tópicos guia para a coleta biográfica, divididos em dois momentos. No primeiro, as participantes abordaram vivências anteriores à pandemia: relato da trajetória de vida; caminhos profissionais; motivo da migração; chegada no país de destino; facilidades e dificuldades de acessos. No segundo, foram exploradas as vivências após o início da pandemia do novo coronavírus (COVID-19): trabalho e isolamento social; mudanças no trabalho; mudanças na vida pessoal e familiar; aspectos emocionais e financeiros; impactos relativos à situação específica de migração (como, por exemplo, restrição da sua mobilidade ou de alguém da família) no país de origem, de destino ou entre fronteiras internacionais; preocupações com a saúde; e reflexões sobre as dificuldades e insegurança da vida distante do lugar de nascimento em um contexto de crise sanitária mundial.

A análise narrativa seguiu as orientações de Creswell (2014), que indica, na pesquisa narrativa, que se pratique o “reestoriar” das histórias das participantes, organizando uma estrutura a partir de elementos-chave do estudo em questão, que podem vir a ser os temas que emergem nas histórias em consonância com o referencial teórico. Esta pesquisa, contou com dois grandes temas definidos a priori: a) vivências das brasileiras imigrantes, destacando motivos da imigração, condições e relação com o trabalho; e b) análise das mudanças no contexto do trabalho e os desafios pessoais e familiares após a instauração

da crise sanitária mundial.

4 Apresentação e análise dos resultados

4.1 Síntese das vivências de mulheres imigrantes: motivos da migração, condições e relação com o trabalho

As imigrantes brasileiras participantes da pesquisa possuem faixa etária de 25 a 65 anos. Em relação à idade, cor, sexualidade e origem geográfica, 25 são brancas e 2 são negras, 26 heterossexuais e 1 homossexual, e residiam em 8 estados brasileiros distintos apresentando uma importante heterogeneidade no que se refere a espacialidade (Santos, 2014): Bahia, Ceará, Pará, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Corroborando trabalhos anteriores, sobre a migração de mulheres brasileiras (Oltamari, Scherer, Fraga, 2020; Oltamari, Bitencourt, Fraga e Tonelli, 2020), os motivos que dizem do desejo de sair do Brasil são, em geral, associados a questões individuais, tais como: demissão, violência urbana e doméstica, conflitos familiares, (re)começar a vida após tratamento de saúde. Outras, porém, migraram para estudar (Lorio, 2018), trabalhar (Malheiros e Padilla, 2014) e acompanhar os maridos na carreira (Donato, Pya & Jacobs, 2014).

A partir destas evidências elaborou-se o Quadro 1, apresentado a seguir, contendo uma síntese de informações sobre as entrevistadas com destaque para os motivos da migração e os aspectos das RT no Brasil e em Portugal.

Quadro 1 – Síntese de informação sobre as participantes

Entrevistada	Idade e Motivo da migração	Condições e relação com o trabalho
Suelen	40 anos, busca por trabalho e violência urbana do Rio de Janeiro.	Administradora, com pós-graduação em finanças. É empregada doméstica em Lisboa.
Agata	30 anos, desejo por uma virada na carreira e cansaço do Brasil.	Advogada. Trabalhou na área no Brasil. Ingressou no mestrado em gestão de pessoas (GP) na Universidade de Lisboa e trabalha em uma consultoria de GP, em cargo operacional.
Josiane	27 anos, sofreu ameaça de feminicídio em São Paulo, do ex-noivo. Já havia feito denúncia, mas não foi suficiente. A família insistiu que viesse para Portugal.	Formada em Educação física. Tenta equivalência da graduação para ser <i>personal trainer</i> em Cascais. Trabalha em uma clínica odontológica.
Claudia	65 anos, vendeu tudo no Rio de Janeiro para viver em Portugal.	Engenheira florestal aposentada. Trabalhava em uma multinacional brasileira. Tem doutorado e busca equivalência de diploma para ingressar no pós-doc em Portugal. Comprou um apartamento de um quarto em Estoril e trouxe as suas cachorras. Vive de sua aposentadoria, que no momento é insuficiente, em função da conversão e busca trabalho em qualquer atividade. Considera a idade uma barreira.

Entrevistada	Idade e Motivo da migração	Condições e relação com o trabalho
Tabata	65 anos, há dois anos em Estoril. Saiu do Brasil por questões de instabilidade política.	Professora de Educação física do ensino fundamental aposentada. Ainda tem um apartamento no Rio de Janeiro e mora em Estoril no apartamento da irmã. Vive de fazer travessias peregrinas e ajuda em ONGS de migração. Acha que pela idade não consegue mais trabalho.
Gislaine	30 anos, toda sua família, incluindo seu noivo, migrou para Lisboa depois que a irmã foi assassinada na porta de casa, em Salvador/BA, em 2018.	Advogada atuante no Brasil e recentemente advoga para migração em Lisboa. Conclui o mestrado, em Lisboa, e tentará ingressar no doutorado.
Marcia	35 anos, decidiu construir uma nova vida.	Advogada. É estudante de história da arte e ama o que estuda. Acredita que no Brasil dificilmente consegue trabalho na área em que está atuando em Portugal. Atualmente não está trabalhando.
Bianca	32 anos. Migrou para iniciar os estudos no mestrado em Portugal.	Advogada no Brasil e em Lisboa trabalha com proteção de dados. Busca recolocação profissional para a área de governança e finanças em banco e terminou doutorado em direito humanos e gênero em Lisboa.
Cida	35 anos, migrou para iniciar os estudos no mestrado em direito e tentar advogar em Portugal, mas ainda não obteve sucesso.	Advogada. Doutoranda na Universidade de Lisboa em direito migracional e gênero. Não trabalha, mas busca trabalho. Sua mãe, médica em Belém, a mantém.
Aparecida	50 anos, sempre quis morar fora e estava cansada do trabalho em agências de publicidade. Pediu demissão e escolheu um lugar que considerasse próximo de sua cidade de origem (Porto Alegre) para migrar com a filha de 18 anos.	Publicitária. Logo que chegou em Lisboa ingressou em uma agência de publicidade, mas após um ano percebeu que estava reproduzindo a vida pregressa, ganhando bem mas trabalhando 14h por dia. Hoje trabalha meio turno em um museu na área administrativa e em outro faz visitas guiadas voluntárias, motivada pelo interesse em atuar com história da arte. Sua filha também trabalha e divide as despesas.
Martina	43 anos, decidiu migrar em razão da morte da mãe, após conflitos familiares por herança. É lésbica sente que a liberdade de ser quem é não tem preço.	Formada em Direito, é procuradora federal do Estado do Rio de Janeiro e trabalha em <i>home office</i> desde Lisboa. Tem afastamento para tanto.

Entrevistada	Idade e Motivo da migração	Condições e relação com o trabalho
Margot	50 anos, planejou por dois anos a mudança, em busca de um futuro melhor para as filhas. É casada com um português, mas, a motivação para mirar partiu dela. Preocupação com a violência, adoecimento por estresse e contínua perda de renda no Brasil.	Psicóloga. Trabalha em plataforma <i>on-line</i> de atendimento psicológico. Tenta ingressar no doutorado em sua área em Lisboa.
Marlise	28 anos, há 5 anos vivendo no exterior, já passou pela Irlanda, Suécia e Espanha e acredita que Portugal é o país onde pessoas brasileiras podem conseguir cidadania.	Graduada em artes visuais e com especialização em arteterapia. Trabalha na área administrativa em empresa de TI.
Ivana	31 anos, sonhava em ter uma experiência profissional, a proximidade do idioma e o contrato de emprego do marido, na área de TI, em Portugal, foram impulsionadores.	Bióloga com especialização em engenharia ambiental. Trabalhava na área, no serviço público no Brasil. Percebe que há muitas oportunidades para estudar em Portugal, mas há restrições à entrada no mercado de trabalho sem indicações.
Patricia	40 anos, a maioria dos familiares próximos mora na Europa, tem cidadania portuguesa, antes de Portugal morou na Holanda com o ex-marido.	Graduada em Turismo. No Brasil trabalhava na área de eventos. Trabalha em um restaurante em Lisboa.
Anita	40 anos, migrou para trabalhar em sua área de formação, como fisioterapeuta. Tem cidadania portuguesa, viveu um período na Suíça, após migrar e voltou para Portugal.	Fisioterapeuta e Educadora Física. Tentou equivaler seu diploma, mas não conseguiu. Ganhou muito dinheiro no período que trabalhou na Suíça, mas gastou e não tinha como arcar com os custos da renovação do visto para trabalho na Suíça). Em Portugal fez curso de segurança e trabalhou em diversos empregos: loja de doces, figurante de novela, massagista, bartender de clube de futebol Na área da saúde é difícil trabalhar em Portugal sem equivalência de diploma.
Helvia	28 anos, migrou por 2 motivos: queria sair de um relacionamento abusivo e ganhava muito pouco na agência que trabalhava, já formada.	Publicitária. No Brasil, trabalhava como social media, fazia hora extra e não era paga. Apesar de gostar do que fazia, não estava feliz e não se sentia profissionalmente valorizada. Cursa doutoramento em ciências da comunicação na Universidade de Lisboa e trabalha como revisora de conteúdo de anúncios em uma agência.

Entrevistada	Idade e Motivo da migração	Condições e relação com o trabalho
Heloisa	26 anos, migrou para acompanhar o marido.	Pedagoga. No Brasil estava concluindo o mestrado. Validou o diploma em Portugal, mas não consegue trabalho na área.
Tamires	30 anos, migrou para fazer mestrado.	Bióloga. No Brasil dava aulas no ensino médio. Cursa mestrado em química, na Universidade de Évora. Trabalhava meio período em uma vinícola, mas foi demitida na pandemia. Tentou vender marmitas e brigadeiros, mas não obteve sucesso. Recentemente abriu uma hamburgueria com o namorado. É mantida pelos pais, funcionários públicos que permanecem no Brasil. Mora em Odivelas, dividindo apartamento com o namorado e o irmão.
Clara	40 anos, migrou buscando melhor qualidade de vida para os dois filhos de 5 e 8 anos.. A cidadania portuguesa do marido, escola pública para os filhos, plano de saúde gratuito e a segurança foram impulsionadores para a escolha por Portugal. Planejaram a partir do filho menor e aceleraram a mudança em razão da crise política e violência no país.	Jornalista e bailarina clássica. Trabalhava como professora de balé e pilates no Brasil. Em Portugal, já iniciou trabalhando com balé, pilates e preparação corporal. Realizou peças de teatros com artistas brasileiros, mas logo depois quebrou o pé e precisou parar.
Marla	36 anos, Assim que perdeu o emprego, migrou para Portugal para iniciar a vida com um Holandês que havia conhecido em uma das suas viagens à Europa a trabalho. No entanto, o relacionamento não deu certo.	Publicitária. Trabalhou em várias frentes de publicidade, uma delas representante de uma empresa na Europa. Hoje trabalha em recibos verdes para uma empresa de publicidade que faz relações públicas para empreendedores migrantes.
Jamile	30 anos, migrou para fazer mestrado.	Formada em Direito, atuava em um escritório de advocacia. Cursa mestrado em Direito na Universidade, com bolsa, trabalha 20 horas na biblioteca da universidade.
Fernanda	45 anos, sempre quis morar fora. Migrou com o ex-marido e dois filhos adolescentes.	Formada em Ciências Sociais. No Brasil, dava aulas no ensino médio e fundamental. Ingressou no mestrado para facilitar o acesso ao visto de estudante. Trabalha com contrato parcial em uma empresa de telecomunicações.

Entrevistada	Idade e Motivo da migração	Condições e relação com o trabalho
Luciana	35 anos, migrou para estudar. Sair do Brasil em tempos de extrema direita.	Psicóloga e atuava na área da psicologia clínica no Brasil. Cursa mestrado e faz alguns atendimentos <i>on-line</i> no Brasil. Em Portugal não está trabalhando com contrato de trabalho, faz alguns trabalhos voluntários para associações de mulheres.
Roberta	39 anos, migrou para cursar mestrado e buscar oportunidades como advogada	Advogada, no Brasil trabalhava em um escritório de advocacia. Cursa mestrado em direitos humanos e gênero. Não trabalha em Portugal. Ficou sem trabalho após a pandemia.
Jade	48 anos, migrou para começar uma nova vida com o marido (médico) e as filhas.	Nutricionista e fisioterapeuta. Faz atendimentos <i>on-line</i> para o Brasil, enquanto tenta a revalidação dos diplomas.
Giane	25 anos, busca qualidade de vida e oportunidade de trabalho	Formada em Relações Internacionais. Cursa mestrado na Universidade Nova de Lisboa em estudos de gênero. Os pais a mantêm em Portugal. Mora em Parede com uma tia.

Fonte: elaborado pelas autoras, com base nos relatos biográficos.

As mudanças na carreira também fazem parte das decisões relativas a emigrar (Wehrle, Kira & Klehe, 2019), tal como relata Agata, mulher jovem (30 anos), que trabalhava em uma empresa como advogada no Brasil, mas cansou da violência e falta de perspectiva do país. Atualmente deseja, mesmo com a pandemia, ficar em Portugal e investir na área de *coaching* de carreiras para brasileiros em Portugal, em parceria com seu chefe, que é português. Com a possibilidade de o trabalho ser remoto, mediado via plataforma digital, a permeabilidade das carreiras foi facilitada e muitos enxergaram nessa nova forma de organização do trabalho, maneiras de tanto permear quanto realizar a transição completa de profissões, dialogando com o que Abbott (1988) problematiza de jurisdição entre as profissões.

A concomitância de trabalho com estudos (Iorio, 2018) é uma realidade enfrentada pelas participantes da pesquisa. Trabalhar também diz respeito a conseguir arcar com alto custo valor para equivalência de diploma, que atualmente ronda os 600 euros, sem a garantia de aprovação pela Instituição de Ensino Superior (IES) contratada. Conseguir a equivalência, é, para muitas, a esperança de serem efetivadas, via contrato formal e sem tempo determinado, em suas ocupações de origem. Se na partida do Brasil a maioria se identifica com sua formação, na chegada ao país de destino essa identidade pode se perder.

Tal situação remete ao relato de Anita, fisioterapeuta e formada em educação física no Brasil, com nacionalidade portuguesa. O trabalho em restaurantes por um ano foi necessário para conseguir dinheiro suficiente e pagar a equivalência: “na área da saúde é difícil trabalhar em Portugal sem equivaler diploma. Durante a pandemia fiquei sem dinheiro e trabalho. Faço drenagem linfática e poucos pacientes quiseram manter meu trabalho”. A partir das dificuldades enfrentadas, ela decidiu voltar para o Rio de Janeiro, sua cidade natal no Brasil.

Cabe aqui citar também a rede de apoio mútuo que vem se apresentando em Portugal, para fazer frente aos movimentos que se apresentam xenofóbicos e racistas, tais como

os grupos: Calcinhas em Lisboa e a Casa do Brasil em Lisboa (CBL). Essa última recentemente lançou o blog “Emergência Covid 19”, que contém informações e atualizações acerca de saúde, moradia e mercado de trabalho. Além disso, abriga projetos como “Brasileiras não se calam”, e algumas novas associações de imigrantes, tal como a “Diáspora sem Fronteiras”. A rede de apoio e a coletividade nos espaços de trabalho tornam-se imprescindíveis para a saúde mental dessas mulheres, tal como já dizia Dejours (2004), trabalhar é viver junto.

Ademais, dificuldades em negociar valores com locadores de residência foram relatadas. O fato de serem brasileiras, revelam algumas, dificulta a negociação (Oltamari, Scherer, Fraga, 2020). Destaca-se, ainda, que não foi incomum relatos de assédio durante essas situações de negociação de moradia. As barreiras de assédio moral e sexual no trabalho, na negociação e procura de moradia antecedem a inserção profissional e caracterizam-se especialmente pelo histórico de colonialidades que perduram até os dias atuais.

4.2 Impactos da COVID-19: mudanças no contexto do trabalho e desafios pessoais e familiares diante das incertezas ocasionados pela crise mundial

Diante da realidade da pandemia da COVID-19, em meados de março de 2020, o governo português adotou medidas severas e importantes para prevenção da disseminação do coronavírus, como o *lockdown*. Muitas organizações e trabalhadores pausaram ou descontinuaram suas atividades, outras adotaram medidas de trabalho remoto, e no geral, as pessoas se viram por, pelo menos, três meses, em isolamento social completo. Tal situação pandêmica trouxe significativos impactos tanto para as configurações de trabalho das imigrantes brasileiras em Portugal, quanto para as suas questões pessoais e familiares. O quadro a seguir ilustra o mapeamento das situações de trabalho modificadas pela pandemia das imigrantes brasileiras entrevistadas.

Quadro 2 – Situação de trabalho das imigrantes brasileiras em Portugal durante a pandemia

Situação de trabalho	Participante
Manteve o emprego presencial, intensificou horas de trabalho	Suelen
Manteve o emprego, passou a fazer home-office	Ágata, Josiane, Fernanda
Manteve o emprego, já fazia teletrabalho/home-office	Helvia, Aparecida, Gislaine
Manteve o trabalho como autônoma - já fazia atendimento <i>on-line</i> (advogada de migração, psicóloga, publicitária)	Margot, Helvia, Luciana
Foi demitida e passou a ser autônoma (faz e vende comida)	Tamires
Foi demitida e passou a ser autônoma via atendimento <i>on-line</i> (professora e balé)	Clara, Giane
Foi demitida e mudou de área para trabalho não qualificado	Marla
Era autônoma, ficou sem trabalho e teve que regressar ao Brasil	Anita, Roberta
Já estava desempregada, procura trabalho, se mantém com a renda do marido	Heloisa

Situação de trabalho	Participante
Não trabalha, vive da aposentadoria ou de renda de aluguel de imóveis no Brasil	Claudia, Clara
Estudante, se mantém com a renda do marido ou dos pais, renda de bolsa ou renda de bicos como <i>freelancer</i> em plataformas digitais	Ivana, Jamile, Cida, Gislaine, Luciana

Fonte: elaborado pelas autoras, com base nos relatos biográficos.

A partir do Quadro 2, é possível notar as diferentes configurações de trabalho das imigrantes brasileiras. É comum ter mais de uma fonte de renda, combinando emprego, “bicos” (trabalhos ocasionais, geralmente sem relação com a profissão principal), estudo, auxílio financeiro de cônjuge ou familiares e renda proveniente do Brasil (como aposentadoria ou aluguéis). Com a pandemia, a maioria das mulheres sentiu o impacto no seu trabalho, como: (i) a intensificação de horas no local de trabalho; (ii) o início ou a intensificação de trabalho *on-line* - *homeoffice*, ou teletrabalho vinculado a empresas ou de forma autônoma por plataformas digitais ou rede de contatos; (iii) a demissão que impulsionou a busca por novas atividades - também de forma autônoma *on-line* ou fazendo comida para fora, por exemplo - ou até mesmo, para aquelas que não tinham outras fontes de recursos financeiros, a demissão acarretou no retorno ao Brasil associado ao sentimento de fracasso; (iv) o desemprego com dificuldades e restrições de oportunidades ainda maiores, sendo somente possível se manter em Portugal, com o apoio financeiro de familiares.

Antigos problemas enfrentados por imigrantes como a xenofobia foram intensificados durante a pandemia. Suelen relatou que sentiu que a família para a qual trabalhava se tornou mais xenofóbica durante a pandemia:

Devo levar de casa a comida, pois não posso comer a deles no almoço ou jantar. A patroa implica com a minha cor de pele e com o meu cabelo. Ela não puxa a descarga do banheiro quando ela usa, sempre deixa para eu fazer. Além disso, como ela (a patroa) se sente muito sozinha durante a pandemia, sem amigos, ela me pede para levar ela para viajar, mas não me paga hora-extra. Eu até ganho bem, mas não quero mais ficar com ela.

A narrativa de Suelen permite inferir que, em linha com Liem, Wang, Wariyanti, Latkin & Hall (2020), devido a necessidade de acompanhar a patroa, ela fica mais exposta em espaços coletivos que não seguem protocolos da Covid. O confinamento com famílias portuguesas, no caso de trabalhos domésticos, intensificou as relações de colonialidade simbolizadas por dominação e poder (Castles, 2010; Gomes, 2018), que ainda persistem até hoje.

Novas questões relativas à saúde mental emergiram em função da pandemia. Os impactos emocionais dizem da ansiedade e do medo de perder o emprego, ficar muito mais tempo na situação de desemprego, pois devido a instabilidade do contexto sanitário e consequentemente político, essa ameaça está muito mais presente, conforme relata Ivana:

[...] toda a semana medo, medo de ficar desempregada, missões de vida por água abaixo. Para meu marido não teve impacto financeiro. Ele foi colocado como subcontratado, mas agora ele está com contrato formal, para a área dele (tecnologia da informação) tem muitas vagas, já para mim acho que a Covid diminuiu um pouco, para essa área ambiental.

O medo do desemprego associado à pandemia também estanca a possibilidade de projetos pessoais como rever a família: “compramos as passagens e estamos com medo de ir ao Brasil. Medo de ficar preso no Brasil e a empresa demitir meu marido. Sobre

nossos planos para o futuro: tento não ficar com medo”, conta Ivana. Também emergiram narrativas de ansiedade e medo por não conseguir realizar projetos que acompanhavam o imaginário da migração, como se refere Ivana, cuja poupança para investir nos estudos teve que ser colocada como reserva por estar desempregada: “E também a própria questão do plano do mestrado, balança, vai que eu preciso desse dinheiro, está difícil investir no futuro”. Situação semelhante ocorreu com Margot, conforme relata:

Passamos dois anos planejando vir para cá. Eu tinha decidido que não iria mais trabalhar na área de psicologia. Pensei em abrir um negócio próprio, uma cervejaria pequena de cerveja artesanal. Vendemos tudo lá, casa, carro. Guardamos o dinheiro e queríamos iniciar o negócio aqui. Chegamos em fevereiro de 2020. Aí teve a pandemia. O real disparou, tudo fechou. Dinheiro parado, sem renda.

Margot, que migrou junto com o marido e dois filhos, teve que recuar no seu planejamento e pensar em possibilidades:

Vou acabar trabalhando com psicologia de volta. Em plataforma on-line de atendimento psicológico [...] me parece também que as relações aqui de trabalho são muito do fulano que conhece o fulano e eu não conheço ninguém. Vou ter que cavar sozinha. Aí também pensei no doutorado.

Nota-se que por ser imigrante, a rede de contatos é mais limitada e a tecnologia, então, a permite recorrer a sua profissão de origem via atendimento *on-line*, mantendo os pacientes do Brasil mesmo estando em Portugal. Percebe-se que não somente as mercadorias são desterritorializadas (Haesbaert, 2004), mas sobretudo o trabalho.

O trabalho em casa, seja por atendimento on-line das autônomas, ou o home-office possibilitado pelo vínculo de emprego, embora sejam situações de privilégio em relação àquelas que perderam emprego ou trabalho na pandemia, também trazem consequências relativas à saúde mental, sobremaneira, para as mulheres com filhos. A demanda dos cuidados com os filhos também foram motivos de cansaço e por vezes, adoecimento (Carpenedo & Nardi, 2013). Margot relata que, inicialmente, suas filhas iniciaram os estudos em Portugal, mas não houve tempo de adaptação. Como as aulas passaram a ser *on-line*, as crianças voltaram para a escola do Brasil tendo que readaptar sua rotina ao fuso-horário do país de origem: “As meninas começaram o ano sem conhecer colegas. Aí não levaram muito a sério o ano letivo de aula. Aí a vida das meninas continuaram no Brasil. Acordava às 4 da tarde, dormiam às 7 da manhã” (Margot).

Outro aspecto emocional evidenciado foi o medo constante de infecção por coronavírus. O temor estava relacionado sobretudo ao adoecer e precisar do sistema nacional de saúde de um país que não é o seu, já que as mulheres entrevistadas têm ciência que, tal como aponta Hargreaves et al. (2019), há mais barreiras de acesso à saúde para imigrantes como elas. A preocupação se manifesta de forma mais evidente quando as imigrantes dividem quarto ou casa com outras pessoas, que não familiares. O fato de morarem em coletivos acentua o problema da contaminação em escala, em especial porque muitos dos e das colegas de apartamento trabalhavam em construções, entrega de comida, limpeza e em atividades correlatas aos cuidados da casa e da saúde. Tais atividades, que exigem a presença física no trabalho e maior exposição ao vírus, são típicas de imigrantes que não conseguem colocação na sua área.

A pandemia também deixou as fronteiras mais rígidas, dificultando ou impedindo entradas e saídas (Dumont, 2020). Heloisa embarcou com destino a Portugal em abril de 2020, para reintegração familiar, já que seu companheiro já estava no país a trabalho, na área de tecnologia da informação. Ela foi presa, ficou três dias retida dentro do aeroporto e quase foi deportada:

[...] fiquei três dias. O único contato que tive com meu companheiro foram os cinco minutos de ligação que o SEF permitiu. Depois disso, fiquei esperando para ver se era

deportada, ou aceitavam meus documentos de reintegração familiar. Depois fiquei sabendo que os mesmos policiais que mataram o ucraniano [imigrante assassinado por espancamento no Centro de Instalação Temporária, popularmente conhecida como ‘salinha da imigração’], foram os mesmos que guardavam a nossa cela. Até hoje, quando vejo a polícia, aqui em Lisboa, sinto medo e pânico.

A situação vivenciada por Heloisa ilustra o tipo de tratamento que muitos imigrantes recebem nas zonas de migração, mesmo em países onde há leis que garantem direitos básicos. Com a pandemia, os procedimentos se tornaram ainda mais rígidos e como no caso de Heloisa, mesmo depois de receber permissão de entrada no país, permanecem os prejuízos relativos à saúde mental.

O enrijecimento das fronteiras também incita sentimentos de solidão devido a perda de familiares decorrentes de adoecimento pela Covid-19, situação essa relatada por algumas mulheres. Helvia relata que a avó faleceu enquanto ela estava em Portugal e não pode voltar ao Brasil para a despedida: “Foi claustrofóbico, no lockdown, minha avó faleceu de Covid no Brasil, tive muitos sentimentos de solidão, estava muito preocupada com minha família no Brasil, mais com eles do que comigo. Meus pais viriam em setembro me visitar, e cancelamos”. Dos sentimentos relativos às adversidades vivenciadas na pandemia, Helvia compreende, mesmo de forma inconsciente, que há um contexto colonial que impede ou dificulta o imigrante brasileiro em Portugal a viver a vida em sua plenitude: “Ser migrante é ser corajosa, lidar com sacrifícios diários e de resiliência, porque você não está no seu país, nem com seu povo, e você tem que se esforçar para estar com aquele povo, e ser reconhecido como cidadão”. Mesmo com documentos legalizados e direitos adquiridos, ainda permanecem barreiras sociais e burocráticas e a busca por um espaço de reconhecimento.

5. Considerações Finais

O objetivo deste artigo, em construção, foi levantar os impactos da pandemia de COVID-19 na vivência da imigração e nas Relações de Trabalho (RT) para imigrantes brasileiras em Portugal. Em que pese ser imigrante, há de se reconhecer que essa situação por si só já se configura como desvantagem: são várias as barreiras simbólicas e concretas que entram em jogo: cultural, linguística, gênero, cor de pele, origem, regionalidades (Ballarino & Panichella, 2017; Donato, Pya & Jacobs, 2014; Riaño, 2016). Tais marcadores sociais de diferença (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020) definem, limitam e constroem as e os imigrantes em seus planos, projetos e sonhos migratórios (Dumont, 2020).

Somam-se a essas barreiras a situação de crise sanitária decorrente da pandemia de COVID-19 enfrentada pelas participantes da pesquisa em um país distante do de origem, tanto em termos geográficos como culturais. A limitação de ir e vir, a restrição para o trabalho, e as preocupações decorrentes da própria doença são fatores que intensificaram e dificultaram as vivências das mulheres imigrantes.

Para analisar este contexto, primeiramente, buscou-se sobre as vivências das brasileiras imigrantes prévias à migração, destacando motivos e condições da imigração, e relação com o trabalho. Das 27 participantes advindas de oito estados brasileiros, a maioria é branca e heterossexual. Todas possuem graduação, a maioria pós-graduação já realizada no Brasil e algumas com pós-graduação (mestrado ou doutorado) em andamento em Portugal. Como já antecipado pela literatura, verificou-se que ser imigrante não é uma sonoridade uníssona. Algumas decidiram migrar por motivo de demissão, violência urbana e doméstica, conflitos familiares, (re)começar a vida após tratamento de saúde. Outras, porém, migraram para estudar (Lorio, 2018), trabalhar

(Malheiros e Padilla, 2014) e acompanhar os maridos na carreira (Donato, Pya & Jacobs, 2014). As participantes elaboram narrativas, individual e coletivamente, sobre os preconceitos e as dificuldades socioculturais, legais e financeiras, para buscar moradia, validação de diploma e inserção no mercado de trabalho. Em muitos casos, buscam atividades inferiores a sua qualificação, a depender da rede de brasileiros e instituições de apoio à imigrantes. Por serem mulheres, também emergiram narrativas sobre discriminação, misoginia e casos de assédio moral e sexual, corroborando com o que França (2012) e Gomes (2018) apontavam sobre o estigma das mulheres brasileiras e os requintes de crueldade que reverberam até hoje, fruto das colonialidades.

A partir desse panorama foi possível analisar as mudanças no contexto do trabalho e os desafios pessoais e familiares após instauração da crise sanitária mundial. Os resultados indicam que os principais impactos da COVID-19 no âmbito das relações de trabalho para as imigrantes brasileiras foram demissão e busca de novas atividades remuneradas; necessidade de distintas fontes de renda; intensificação de horas de trabalho, sobretudo nos casos de home-office; teletrabalho vinculado a empresas de forma autônoma, plataformas digitais ou rede de contato; e continuidade em Portugal dependente do apoio financeiro e emocional de familiares.

Também destacam-se nas narrativas, as mudanças na vida pessoal e familiar e aspectos emocionais e impactos financeiros relativos à situação específica de migração, tal como a restrição da sua mobilidade ou de algum familiar no país de migração, de origem ou entre fronteiras internacionais; a prioridade em atendimento de saúde e a reflexão sobre estar fora do seu país em um momento de crise sanitária mundial. A respeito disso, cabe salientar, que a solidão de uma imigrante parece uma constante possivelmente agravada pela pandemia. Nas situações em que a imigrante se sente solitária, principalmente pela distância da família, as redes (Lencioni, 2010; Dias, 2007) e os capitais sociais mobilizam formas espontâneas de apoio e principalmente de afeto (Oltamari, Scherer, Fraga, 2020).

Por fim, ressalta-se que, por contar com uma rede próxima, o perfil das mulheres analisadas se restringe à uma maioria branca, heterossexual, com ensino superior, estrutura econômica e familiar estável. Por não abranger uma diversidade maior de mulheres e vivências, considera-se esta uma limitação. Nessa linha, sugere-se a continuidade desse estudo, com foco para as mulheres imigrantes sem ou com menor qualificação, como aquelas atendidas pelas associações de migração, a fim de verificar os impactos da crise pandêmica em uma população mais vulnerável.

Referências

- Abbott, A. (1988). *The system of professions*. Chicago, IL: University of Chicago Press, E-book.
- Alon, T. M., Doepke, M., Olmstead-Rumsey, J., & Tertilt, M. (2020). The impact of COVID-19 on gender equality (No. w26947). *National Bureau of economic research*. 10, 1-37.
- Ballarino, G., & Panichella, N. (2017). Posizione sociale e mobilità geografica nell'Italia della seconda metà del XX secolo. *Social Policies*, 4(1), 29-52.
- Castles, S. (2010). Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18(35), 11-43.
- Carpenedo, M., & Nardi, H. C. (2013). Mulheres Brasileiras na divisão internacional do trabalho reprodutivo: construindo subjetividade(s). *Revista de Estudios Sociales*, (45), 96-109.
- Creswell, J. (2014). *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa*. São Paulo: Ed.

Penso.

- Dejours, Christophe. (2004). Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, Selma; Sznclwar, Laerte I.. (Orgs.). *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Ed. Fiocruz.
- Dias, L. C. (2007). Os sentidos da rede: notas para a discussão. In: Dias, L. C e Silveira, R, L, L. *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul, Edunisc, pp. 11-28.
- Donato, K. M., Piya, B., & Jacobs, A. (2014). The double disadvantage reconsidered: Gender, immigration, marital status, and global labor force participation in the 21st century. *International Migration Review*, 48(1_suppl), 335-376.
- Dumont, G. (2020). Covid-19: fim da geografia da hipermobilidade? *Revista Brasileira de Geografia Econômica*, [On-line], Ano IX, n. 18. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/12926>. Acesso em 04 jun 2021
- Fernandes, D., Peixoto, J., & Oltramari, A. (2021). A nova onda da imigração brasileira em Portugal: notas finais. In: Wilson Fusco; Luana Junqueira Dias Myrrha; Jordana Cristina de Jesus. (Org.). *Migração, trabalho e gênero: textos selecionados*. 1ed. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, p. 63-76.
- Fraga, A. M., Antunes, E. D. D., & Rocha-de-Oliveira, S. (2020). O/A Profissional: As Interfaces de Gênero, Carreira e Expatriação na Construção de Trajetórias de Mulheres Expatriadas. *BBR. Brazilian Business Review*, 17(2), 192-210.
- Fraga, A. M., & Rocha-de-Oliveira, S. (2020). Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres. *Cadernos EBAPE. BR*, 18(spe), 757-769.
- França, T. (2012). *Lindas mulatas com rendas de Portugal: A inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho português*. Tese de Doutorado em Sociologia, Relações do trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- França, Thais; Padilla, Beatriz. (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33 (2), jul./dez.
- Gomes, M. S. (2018). Gênero, Colonialidade e Migrações: Uma análise de discursos institucionais sobre a “Brasileira Imigrante” em Portugal. *Política & Sociedade - Florianópolis* - Vol. 17 - No 38 - Jan./Abr.
- Hargreaves, S., Rustage, K., Nellums, L. B., McAlpine, A., Pocock, N., Devakumar, D., ... & Zimmerman, C. (2019). Occupational health outcomes among international migrant workers: a systematic review and meta-analysis. *The Lancet Global Health*, 7(7), e872-e882.
- Haesbaert, R. (2004). O mito da desterritorialização: do “fim” dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Iorio, J. (2018). *Trajetórias de Mobilidade Estudantil Internacional: Estudantes Brasileiros no Ensino Superior em Portugal*, Doutoramento em Migrações, Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Portugal.
- Lencioni, S. (2010). Redes, coesão e fragmentação do território contemporâneo. Scripta Nova: *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98. Vol. XIV, núm. 331 (69), agosto, Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-69.htm>
- Liem, A., Wang, C., Wariyanti, Y., Latkin, C. A., & Hall, B. J. (2020). The neglected health of international migrant workers in the COVID-19 epidemic. *The Lancet Psychiatry*, 7(4), e20.
- Malheiros, Jorge; Padilla, Beatriz. (2014). Can stigma become a resource? The mobilisation of aesthetic–corporal capital by female immigrant entrepreneurs from Brazil. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, Francis and Taylor, p. 1-19.
- Oltramari, A., Bitencourt, L., Fraga, A. M., & Tonelli, M. J. (2020). Partir e recomeçar: imigração e carreira de brasileiras e brasileiros em Dublin. In: *XLIV Encontro Nacional da ANPAD*, Porto Alegre.

- Oltamari, A., Scherer, L., & Fraga, A. M. (2020). A Quarta Onda de Imigrantes Brasileiros(as) em Portugal: Classe, Gênero e Redes em Evidência nas Relações de Trabalho. In: *XLIV Encontro Nacional da ANPAD*, Porto Alegre.
- Peixoto, João (2018). Novas correntes e contracorrentes atlânticas: as migrações do Brasil para Portugal nas últimas décadas. In Lucia Bógus e Rosana Baeninger (orgs.), *A Nova Face da Emigração Internacional no Brasil*, São Paulo, EDUC, 89-106.
- Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 23, 229-256.
- Riaño, Y. (2016). Minga biographic workshops with highly skilled migrant women: enhancing spaces of inclusion. *Qualitative Research*, 16(3), 267-279.
- Rodrigues, R., Guest, D., & Budjanovcanin, A. (2016). Bounded or boundaryless? An empirical investigation of career boundaries and boundary crossing. *Work, Employment and Society*, 30(4), 669-686.
- Santos, M. (2014). Por uma geografia das redes. In: *A natureza do espaço*. São Paulo, Edusp, 8ª ed, 261-278.
- Scherer, L. A. & P., V. A. (2019). Trabalho de Imigrantes e Refugiados(as) no Brasil: intersecções com Gênero e Classe. In: *XLIII Encontro da ANPAD - EnANPAD 2019*, São Paulo.
- Wasserman, V., & Frenkel, M. (2015). Spatial work in between glass ceilings and glass walls: Gender-class intersectionality and organizational aesthetics. *Organization Studies*, 36(11), p. 1485-1505.
- Wehrle, K., Kira, M., & Klehe, U. C. (2019). Putting career construction into context: Career adaptability among refugees. *Journal of Vocational Behavior*, 111, 107-124.